Capítulo II — Estudo do problema

A investigação a que vamos nos entregar é da mais alta importância. Para não nos extraviarmos, comecemos por balizar o nosso caminho, estabelecendo alguns princípios de evidência incontestável.

Primeiro princípio. — Todo efeito tem uma causa; todo efeito permanente tem uma causa permanente.

Segundo princípio. — Toda palavra, toda ação humana, pública ou privada, é efeito do livre-arbítrio ou de uma vontade da alma. As vontades ou, como diz a filosofia, as volições da alma pressupõem a ideia ou a noção da coisa querida, visto ser impossível querer o que não se conhece, aquilo de que não se tem ideia: *Ignoti nulla cupido; nihil volitum, nisi praecognitum* — do desconhecido não há desejo; nada se quer sem ser antes conhecido.

Terceiro princípio. — Inatas ou não, as ideias vêm do ensino, ou dele dependem, que as desperta ou as dá. O ensino faz, pois, o homem.

Quarto princípio. — O ensino que faz o homem, que forma para a vida o seu espírito e o seu coração, cumpre-se no período que separa o berço da adolescência, conforme esta palavra, tão verdadeira que já era proverbial há três mil anos:

> *O homem, segundo o caminho que tomou sendo mancebo, d'elle se não apartará, ainda quando for velho.*[1]

Quinto princípio. — A vida do homem divide-se em duas épocas perfeitamente distintas: a época de receber e a época de transmitir. A primeira compreende o tempo da educação, isto é, do desenvolvimento ou do ensino; a segunda, o resto da existência até a morte. Não tendo o ser por si mesmo, o homem recebe tudo, tanto na ordem intelectual e moral como na ordem física. Depois de ter recebido, transmite, e só pode transmitir o que recebeu. Ao transmitir o que recebeu, faz a família e a sociedade à sua imagem. A verdade ou a mentira, o bem ou o mal, a ordem ou a desordem realizados nos fatos exteriores da família e da sociedade, não são mais que o reflexo e o produto da verdade ou da mentira, do bem ou do mal, da ordem ou da desordem que reinam na sua alma.

Sexto princípio. — Tanto para o bem como para o mal, a influência vem de cima e não de baixo.

As opiniões e os costumes dos pais formam as opiniões e os costumes dos filhos. As opiniões e os costumes das classes letradas formam as opiniões e os costumes das que não o são.

Sétimo princípio. — As opiniões e os costumes das classes letradas vêm sobretudo da sua educação literária. Essa educação faz-se principalmente pelos livros que se põem nas mãos da juventude durante os sete ou oito anos que unem a infância à adolescência. Isto por três razões: A primeira, porque esses anos são os anos decisivos da vida. A segunda, porque esses livros são o alimento cotidiano da juventude, e alimento obrigatório; ela deve estudá-los com cuidado, deve aprendê-los de cor, deve penetrar-se deles quanto ao fundo e quanto à forma. A terceira, porque esse estudo assíduo é acompanhado de explicações e comentários, com o fim de fazer compreender bem o sentido desses livros, de fazer admirar-lhes o estilo, os pensamentos, as belezas de todo gênero; de exaltar os atos, os fatos, as palavras, as instituições dos homens e dos povos cuja história narram; enfim, e acima de tudo, de apresentar à admiração da juventude os autores dessas obras, como os reis, sem rivais, do talento e do gênio.

Logo, de direito, tudo vem da educação.

Logo, de fato, é a educação das classes superiores que faz a educação das classes inferiores, a opinião, os costumes, a sociedade.

Essa consequência não é menos inatacável que os próprios princípios que acabamos de lembrar e de que sai tão necessariamente como o rio da sua fonte. Os sábios de todos os tempos a proclamaram. A nossos olhos, dizem eles, o único meio de reformar o gênero humano é reformar a educação da juventude. A educação é a única alavanca com que se pode levantar o mundo. A educação é o império, porque a educação é o homem, e o homem é a sociedade.

Ainda que os sábios não tivessem prestado essa homenagem unânime à verdade imperecível que assinalamos, bastaria, para não duvidar dela, ver o encarniçamento obstinado com que, em todos os tempos e em todos os lugares, as duas potências do bem e do mal disputam o império da educação. Sob a questão, aparentemente tão secundária, de saber quem se aproximará da criança para lhe ensinar a leitura, a escrita, o cálculo, o grego ou o latim, esconde-se, em última análise, uma questão de soberania: *A palmatória do mestre é o cetro do mundo.*

De tudo isso, que concluir quanto ao problema que nos ocupa? A resposta não é duvidosa: é na educação que somos forçados a buscar a causa primeira e sempre subsistente da ruptura quatro vezes secular que constatamos. Em qualquer outra parte, pelo menos assim me parece, só encontrareis causas ocasionais, indiretas e passageiras; mas essas causas exteriores e acidentais, que bem puderam apressar e consolidar a ruptura, não são mais o princípio do mal do que os afluentes são a fonte dos rios que fazem transbordar. Qual é agora, na educação pública da Europa, essa causa ou esse elemento a mais ou a menos, que há quatrocentos anos cava entre o cristianismo e a sociedade um abismo que nada pôde cobrir e que de dia para dia se alarga? É aqui que reclamo toda a sagacidade do filósofo e a alta imparcialidade do juiz.

Muito antes da ruptura, vejo em toda a Europa a educação pública assentada sobre esta organização: as universidades e os ginásios ou colégios. Depois da ruptura, encontro a mesma organização. Na França, subsistiu em toda a sua integridade até o fim do século passado; subsiste

ainda, em geral, em todas as outras partes da Europa. Sob este primeiro aspecto, nada de novo; e, quanto ao fundo, nada a mais, nada a menos.

Antes da ruptura, vejo que se ensinam nas universidades e nos ginásios: o latim, o grego, as línguas vivas e as línguas orientais, a gramática, a filosofia, a retórica, as ciências físicas e matemáticas. Depois da ruptura, encontro que se ensinam as mesmas coisas. Sob este segundo aspecto, nada de novo; e, quanto ao fundo, nada a mais, nada a menos.

Antes da ruptura, vejo que se ensinam com particular cuidado as verdades da religião; que os mestres e os alunos, salvo poucas exceções, lhe cumprem fielmente os deveres. Depois da ruptura, encontro que não se ensina com menos fidelidade a religião; que os mestres e os alunos, em geral, continuam, até o século passado, a lhe observar exatamente os preceitos. Sob este terceiro aspecto, nada de novo; e, quanto ao fundo, nada a mais, nada a menos.

Antes da ruptura, vejo o ensino posto nas mãos do clero e das ordens religiosas. Depois da ruptura, encontro que o mesmo se dá em todos os países católicos, e até na França, até meados do século passado. Sob este quarto aspecto, nada de novo; e, quanto ao fundo, nada a mais, nada a menos.

Antes da ruptura, vejo sentados nas cátedras dos ginásios e das universidades mestres irrepreensíveis, piedosos, zelosos; doutores ilustres e em grande número, e isso em todas as ciências. Depois da ruptura, encontro a mesma coisa. Sob este quinto aspecto, nada de novo; e, quanto ao fundo, nada a mais, nada a menos.

Antes da ruptura, vejo o ensino perfeitamente livre; o monopólio não fora inventado. Depois da ruptura, encontro durante quase três séculos a mesma liberdade: o dogma pagão do monopólio nasceu em nossos dias. Sob este sexto aspecto, nada de novo; e, quanto ao fundo, nada a mais, nada a menos.

Tais são, salvo erro, os pontos de comparação mais salientes sob os quais se apresenta, nas duas épocas, a educação pública. Ora, antes e depois da ruptura, esses pontos de comparação se assemelham tanto que atestam a identidade da instituição: mesma organização, mesmo ensino, mesmos homens, mesmo espírito, mesmo fim, mesma liberdade.

Donde vem que os resultados se assemelhem tão pouco? Donde vem que a mesma fonte, dessedentando as gerações nascentes, comunique a umas a vida católica em todo o seu vigor, enquanto as outras só nela haurem uma languidez mortal? Donde vem que a mesma educação, cuja ação onipotente deu à sociedade da Idade Média essa força de coesão contra a qual vieram quebrar-se os ataques da heresia, do sensualismo e do despotismo, se tenha achado de repente sem força para protegê-la contra as mesmas tentativas: a ponto de a heresia, o sensualismo e o despotismo só terem tido de se apresentar para entrar a todo pano no coração da Europa e nela se estabelecerem como senhores soberanos, que nada pôde destronar?

Dir-se-á que esse resultado deve ser atribuído às circunstâncias exteriores em que a educação se desenvolveu desde o século XV? Perguntarei primeiro como essas circunstâncias exteriores puderam nascer e adquirir tanta influência fora da educação e a despeito dela. Direi depois que essas circunstâncias exteriores, ou esse meio novo, é antes de tudo o protestantismo. Ora, o

protestantismo não é outra coisa senão o princípio de revolta contra a Igreja. Esse princípio não nasceu no século XVI; sempre existiu no mundo: o primeiro protestante foi Lúcifer. Desde a revolta do paraíso terrestre, e em mais de uma época da Igreja, teve órgãos não menos poderosos que Lutero, agentes não menos formidáveis que Henrique VIII. A questão é saber como a educação, que durante mil anos pudera neutralizá-lo, se achou de repente sem força contra ele; e isso não somente nos lugares onde foi violentamente estabelecido, mas ainda nas regiões onde jamais foi oficialmente recebido; como demonstra o enfraquecimento da fé em toda a Europa.

Resta, pois, buscar a verdadeira causa, a causa geral e permanente do mal na educação. Aqui está a dificuldade; pois vimos que, antes e depois da ruptura, a educação apresenta os mesmos caracteres. Onde achar a mudança? Qual é o cancro desconhecido que há quatro séculos rói a árvore na raiz e lhe vicia a seiva? Qual é, enfim, o elemento novo cujo poder temível, tornando inúteis, para uma reaproximação, tanto as duras lições recebidas pela sociedade como os ternos acenos da Igreja, condena a mãe às lágrimas e a filha à morte? Para evitar qualquer acusação de exagero, declaramos, antes de responder, que não é nossa intenção dar às nossas palavras um sentido exclusivo. De bom grado reconheceremos, no movimento anticristão que arrasta a Europa, causas alheias à que vamos assinalar. Mas, com todos os homens refletidos que estudaram seriamente a questão, julgamo-nos fundados em considerar essa causa como a mais influente: não é preciso mais para justificar o rigor moral da nossa afirmação; além disso, protestamos contra toda interpretação das nossas palavras pessoalmente hostil a quem quer que seja. Não atacamos nem queremos atacar ninguém: nem o clero secular, nem a Universidade, nem as ordens religiosas dedicadas ao ensino. Atacamos unicamente o paganismo. Posto isso, eis a resposta.

Notas

[1] Proverbium est : Adolescens juxta viam suam, etiam cum senuerit non recedet ab ea. Pr 22, 6.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:09 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:09 by Admin